

A Análise de Redes Sociais como Ferramenta Estratégica de Desenvolvimento Regional: O Caso do Município de Silva Jardim, no Rio de Janeiro.¹

Maria Beatriz da S. Almeida²
mariabea16@hotmail.com

Claudio D'Ipolitto³
claudiodipolitto@gmail.com

Resumo:

Este trabalho apresenta uma configuração metodológica para a análise de redes sociais que focaliza: o contexto, a estrutura da rede, a dinâmica da rede, os padrões de relacionamento, as trocas atuais e potenciais de informação e conhecimento, os papéis dos atores e os domínios das cooperações efetivadas, ofertadas e demandadas.

Através da aplicação desta abordagem ao Circuito Eco-Rural em Silva Jardim, no Rio de Janeiro, buscamos explicitar informações, conhecimentos e cooperações estratégicos, que possibilitem aos atores, atuando em rede, mobilizar ações que ao nutrir o capital social regional, promovam o desenvolvimento local e a geração de renda e trabalho para as pessoas e empresas desta comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Redes Sociais, Desenvolvimento Regional, Turismo Eco-Rural.

O CIRCUITO TURÍSTICO ECO-RURAL

O desenvolvimento regional é uma das dimensões mais relevantes da política industrial, importante para um país como o Brasil, onde há enormes disparidades regionais. Disparidades provenientes de marcos históricos, institucionais e produtivos, vinculados a recursos naturais e às atividades econômicas primárias das regiões, além de condicionantes sociais, culturais e políticos que influem na vocação econômica das regiões. Uma política industrial pode favorecer formas

¹ publicado como Almeida, Maria Beatriz e D'Ipolitto, Claudio *A Análise de Redes Sociais como Ferramenta Estratégica de Desenvolvimento Regional: O Caso do Município de Silva Jardim, no Rio de Janeiro*. Revista Inteligência Empresarial N. 30, pp. 19-27.

² Pós Graduada em Gestão do Conhecimento e Inteligência Empresarial pelo Crie, Coppe/UFRJ. Trainer e Coach em PNL . Mestre em Ciências (Fitoquímica).

³ Doutor em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ. Pesquisador Associado do CRIE/UFRJ e do NEICT/UFF. Pós-doutorando em Cultura Contemporânea no PACC/UFRJ

independentes de vocações regionais, em que o potencial de cada região brasileira seja melhor aproveitado, e seja possível até mesmo descobrir novas vocações regionais, mudando o padrão de vantagens competitivas das diversas regiões e municípios, que compõem as 27 unidades da federação brasileira.

Do ponto de vista ambiental, o Estado do Rio de Janeiro possui atrativos naturais, que lhe conferem posição de destaque no cenário nacional e internacional. Observa-se que em algumas cidades deste estado, as atividades econômicas e empresariais caracterizam-se por serem de pouca expressão, embora exista uma riqueza, expressa pela presença da exuberante Mata Atlântica.

Silva Jardim é um destes municípios. É conhecido por possuir um elevado índice de cobertura florestal (Mata Atlântica), em relação aos outros municípios do Estado, e tem o segundo maior número de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) do Brasil. O que atesta sua vocação turística eco-rural preservacionista.

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil usa a ação centrada no município como política pública mobilizadora, que visa provocar mudanças, sistematizar o planejamento e coordenar um processo articulado e compartilhado de desenvolvimento local, regional, estadual e nacional (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006a). Tal foco regional permite a municípios em áreas turísticas desfrutar dos benefícios trazidos pelo desenvolvimento de roteiros turísticos.

Um tipo de roteiro turístico que está se expandindo, no interior fluminense, é o circuito turístico eco-rural. Trata-se de um novo segmento do turismo, em que os visitantes podem admirar, adquirir, ou experimentar os mais interessantes produtos agroindustriais e artesanais, integrar-se com o meio ambiente, encantar-se diante dos recursos naturais, dos costumes e da cultura, e participar de atividades desportivas e ecológicas características do meio rural.

Trata-se de um modo de pensar e praticar o turismo que preserva o ambiente enquanto cria oportunidades de desenvolvimento regional sustentável e de geração de renda e trabalho para as comunidades dos municípios envolvidos.

ANÁLISE DE REDES SOCIAIS - ARS

A análise de redes sociais consiste no mapeamento de relações entre seus diversos atores (indivíduos, empresas, instituições, formas de associações) e a representação destes relacionamentos na forma de matrizes e gráficos que

possibilitem a realização de análises qualitativas e quantitativas destes relacionamentos.

Segundo MARTELETO (2001), para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, as unidades de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros.

UMA METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Nossa proposta é, por meio desta metodologia, revelar as informações e conhecimentos que substanciem medidas e ações das organizações que compõem a rede estudada, no sentido de se apropriar dos potenciais endógenos do território, e gerar soluções integradas e auto-sustentáveis de desenvolvimento regional. Para obter um modelo que refletisse a cultura e as circunstâncias locais, optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa fundada no discurso dos atores (D'IPOLITTO 2003). Visamos contribuir para que os atores atuem no processo decisório da rede de modo participativo, auto-organizado, enraizado nas necessidades e vocações locais e respeitando suas culturas e realidades. Idealmente, a ação conjunta dos empreendedores da rede pode resultar em melhorias na qualidade de vida da população, buscando o desenvolvimento sócio-econômico em harmonia com o meio ambiente.

A metodologia de análise de redes sociais foi configurada nas fases mostradas na figura 1. Esta figura chama a atenção para o fato de que uma rede que tem vida está sempre em movimento (ganhando ou perdendo nós e elos, alterando suas fronteiras e sua topologia). A ordem das fases metodológicas segue o percurso indicado na figura: do centro para a periferia. Inicia com a descrição do contexto, segue com a descrição da estrutura da rede, a análise da dinâmica, e então, a análise dos padrões de relacionamentos. Este caminho, em uma perspectiva de análise de rede total, conduz, ao término do processo metodológico, à aquisição de uma visão analítica sistêmica dos relacionamentos dos atores na rede estudada. A premissa do método é que as trocas relevantes são as que convertem os fluxos de informação e conhecimento em ação, cooperação e geração de valor (D'IPOLITTO 2006).

CASO: CIRCUITO TURÍSTICO ECO-RURAL RESERVAS NATURAIS, EM SILVA JARDIM

Descrição do Contexto

Silva Jardim

O município de Silva Jardim possui uma economia baseada no setor primário (foco na pecuária) e apresenta poucas iniciativas para incrementar a atividade econômica, com destaque para os esforços de empreendedores locais para firmar a vocação turística do município, motivação do presente estudo. O município possui elevado índice de cobertura florestal (35%). (ROSAN e RAMBALDI, 2004), estando inserido na área de abrangência da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, no Estado do Rio de Janeiro.



Figura 1- Metodologia Configurada para a Análise de Redes Sociais.

Circuito Turístico Eco-Rural Reservas Naturais (CIRCUITO)

Silva Jardim, segundo o Plano de Regionalização do Turismo, do Ministério do Turismo, faz parte da região turística “Caminhos da Mata” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006b). Em 2002, criou sua Secretaria de Turismo. Em 2003, empreendedores locais, com o apoio do SEBRAE, apontaram para a criação de 3 Circuitos: Aldeia Velha, Bananeiras e Reservas Naturais (DELUQUI, 2005a).

O “CIRCUITO” abrange quatro bairros (Imbaú, Boqueirão, Mato Alto e Coqueiro) e tem diferenciais que refletem sua vocação ecológica preservacionista: 4 RPPNs; projetos de recuperação de nascentes; de recuperação da Mata Atlântica; de observação do Mico-Leão-Dourado e o Projeto Aprendiz de Fazendeiro, de educação ambiental para crianças (DELUQUI, 2005b). A tabela 1 mostra as

organizações da rede e seus códigos (as identidades são omitidas, por razões de privacidade).

ORGANIZAÇÕES	ATIVIDADES OU PRODUTOS
ASSOCIAÇÃO DE FORADORES (14M)	Desenvolvimento do Bairro
ASSOCIAÇÃO DE TURISMO RURAL (2AT)	Desenvolvimento do Turismo Rural e Caminhada.
CRIAÇÃO DE RIAS (3CR)	Visitação, Imersão e Venda de Rias
ESCOLA DE NÍVEL FUNDAMENTAL (4E)	Educação Ambiental
FAZENDA (6F)	Pecuária
FAZENDA (6F)	Projeto de Educação Ambiental
FAZENDA (7F)	Criação de Cavalos
FAZENDA (8F)	Novo Inicriante, Desenvolvimento Estrutura para Caminhada.
FAZENDA (9F)	Culmno do Palmito Jobservência na Serra e Esportes Rede de RPPN
FAZENDA (10F)	RPPN e Recuperação de Nascentes
HOTEL FAZENDA (11H)	Hospedagem e Refeições.
LANCHONETE (12L)	Pão com Lingüiça, "Doverito".
MERCADO (13M)	Sementes Molhados.
POUSADA (14P)	Hospedagem e Refeições.
RANCHO (15R)	Assarado, Churrasco Gaúcho.
RESTAURANTE (16Re)	Culmno de Camarões ca Malásia e Refeições.
SÍTIO (17S)	2 RPPNs, Moça Cachopa.
SÍTIO (18S)	Criação de Cavalos
SÍTIO (19S)	Atividades Sábicas, Milh-Bols.
UNIVERSIDADE (20U)	Escola de Medicina Veterinária.
UNIVERSIDADE (21U)	Administração e Recursos Humanos

RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural

Tabela 1 – Organizações e Principais Atividades e/ou Produtos oferecidos no CIRCUITO.

Descrição da Análise “SWOT”

A análise SWOT (ALMEIDA, 2006) sintetiza, na tabela 2, a capacidade interna da rede de atores do CIRCUITO (forças e fraquezas) e o ambiente externo em que este roteiro turístico está inserido (oportunidades e ameaças).

Capacidade Interna		Ambiente Externo	
Forças	Fraquezas	Oportunidades	Ameaças
Ativos Naturais e observação do Mico Leão Dourado.	Falta de cultura associativista e cooperativista.	O Ministério do Turismo está apoiando o desenvolvimento e a obtenção de padrão de qualidade Internacional, dos Roteiros Turísticos.	Poder público local, desarticulado da política nacional de turismo.
4 Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs).	Nível educacional e cultural baixo. Falta mão de obra qualificada de acordo com as necessidades do CIRCUITO.	O Fundo de Parcela para Ecosistemas Críticos está financiando projetos nas RPPNs.	Circuitos vizinhos, bem estruturados e com qualificação em roteiros turísticos.
10 Iniciativas Preservacionistas e Sustentáveis.	Não existe um programa de capacitação e treinamento de turismo eco-rural para todos os integrantes do CIRCUITO.	O SEDRAC e a TURGERIO, como organizações de incentivo ao turismo no meio rural.	Linhas de créditos inexistentes ou inadequadas para a implantação de atividades turísticas.
Presença de empresários que escolheram Silva Jardim para desenvolver os seus negócios e são participantes do CIRCUITO.	Limitada infraestrutura básica e turística para atração dos visitantes e o desenvolvimento do CIRCUITO.	Novo via pavimentada, a RJ-142, que liga o município de Nova Friburgo a Casimiro de Alencar, na Região das Baixadas Litorâneas, da qual Silva Jardim faz parte.	Legislações utilizadas para gerir o turismo eco-rural, inadequadas para a realidade rural.
São atores do CIRCUITO: Associação de Turismo Rural do Rio de Janeiro, a Associação do Patrimônio Natural e uma Instituição Universitária.	A grande distância existente entre os atores e os serviços turísticos do CIRCUITO.		Sistemas de transportes municipal e intermunicipal deficitários.
A BR-101 atravessa o território do CIRCUITO. Uma grande via de acesso de turistas nacionais e estrangeiros.	Falta de um programa para o envolvimento e a mobilização da comunidade.		

Tabela 2- Análise SWOT do CIRCUITO.

Descrição da Estrutura da Rede do CIRCUITO

Os 21 atores que constituem os nós/nodos da rede aqui estudada são organizações ou associações cujos representantes são proprietários de negócios, empresários ou protagonistas da cultura local, que vêm unindo esforços e recursos na criação do circuito turístico eco-rural. O atual presidente do CIRCUITO é o ator 19S (Sítio).

Análise da Dinâmica da Rede do CIRCUITO

A figura 2 mostra as questões colocadas e os resultados obtidos na análise da dinâmica e dos padrões de relacionamentos da rede de atores do CIRCUITO.

Na análise da dinâmica da rede, a leitura das sub-redes indicadas na figura 2 revela os conhecimentos pessoais, as comunicações interpessoais, os ativos de informação/conhecimento e as cooperações efetuadas, oferecidas ou demandadas.

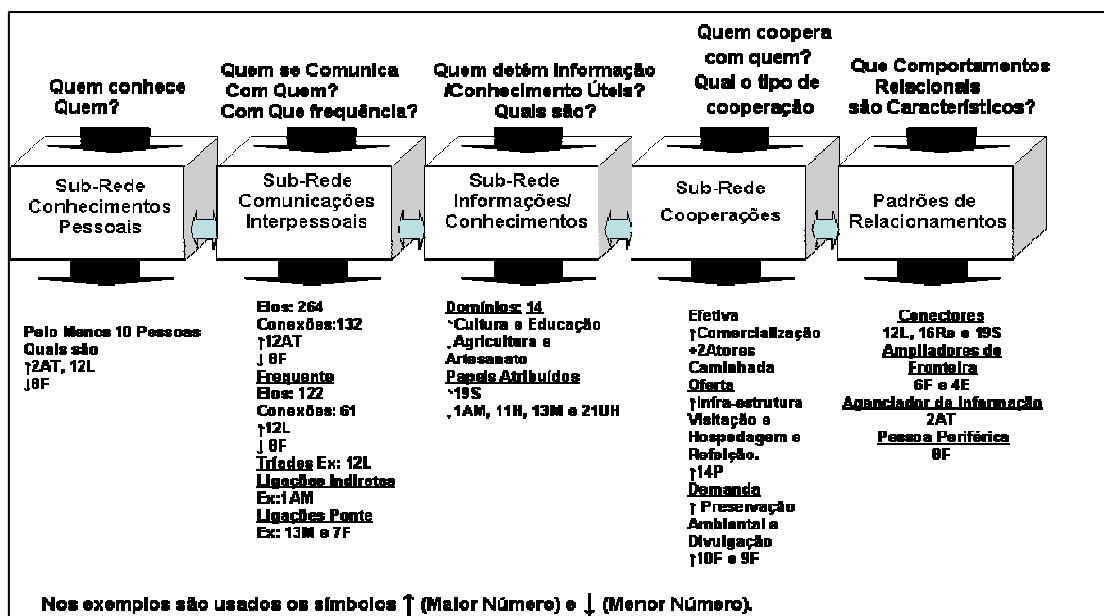


Figura 2 - Análise da Dinâmica e Padrões de Relacionamentos da Rede dos Atores do CIRCUITO.

Sub-Rede de Conhecimentos Pessoais

A figura 2 mostra que os atores do CIRCUITO conhecem pessoalmente pelo menos 10 pessoas. O Ator 2AT (Associação de Turismo Rural) conhece todas as pessoas enquanto o ator 8F(Fazenda) só conhece quatro integrantes.

Sub-rede de Comunicações Interpessoais

A rede dos atores do CIRCUITO possui 264 elos de comunicação interpessoal entre os integrantes (ver figura 2), 132 representam as conexões de comunicação e apenas 61 são conexões de comunicação freqüente. Este fato é ilustrado pela figura 3, que exibe a sub-rede de comunicação dos tipos freqüente(f), pouco freqüente (pf) e sem freqüência (sf), A, e a sub-rede de comunicação freqüente, B. Estas sub-redes revelam a complexidade inerente à rede social .

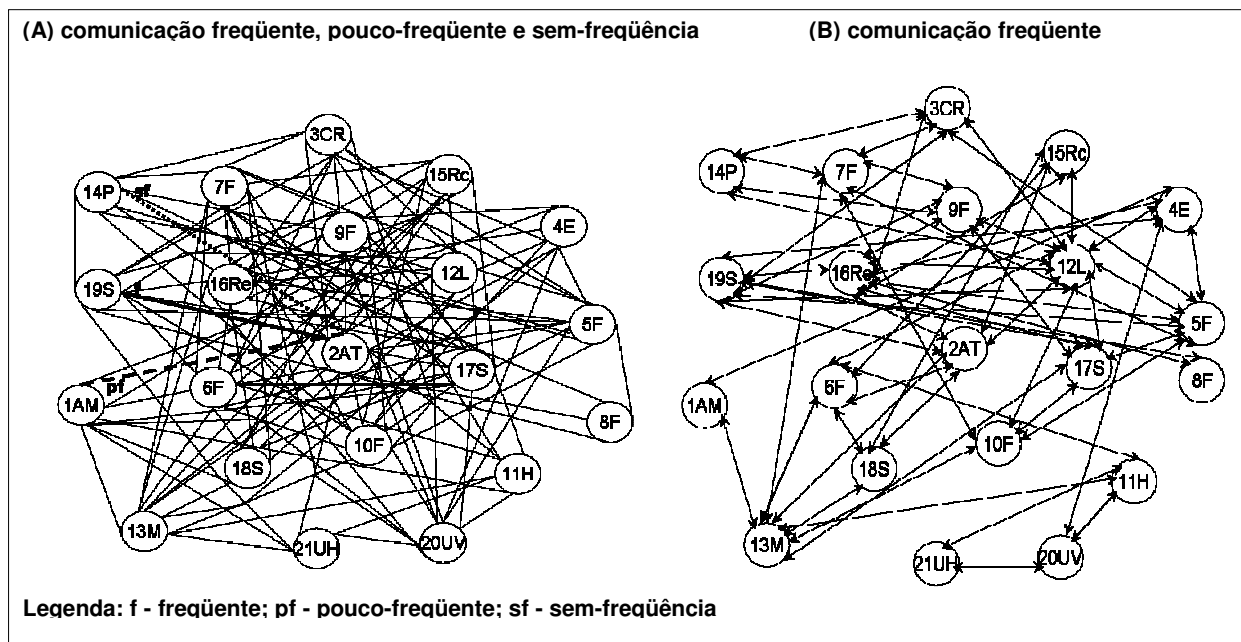


Figura 3 – Sub-Rede de Comunicações Interpessoais dos Atores do CIRCUITO.

A figura 4 mostra grupos de três atores (tríades) em comunicação freqüente.

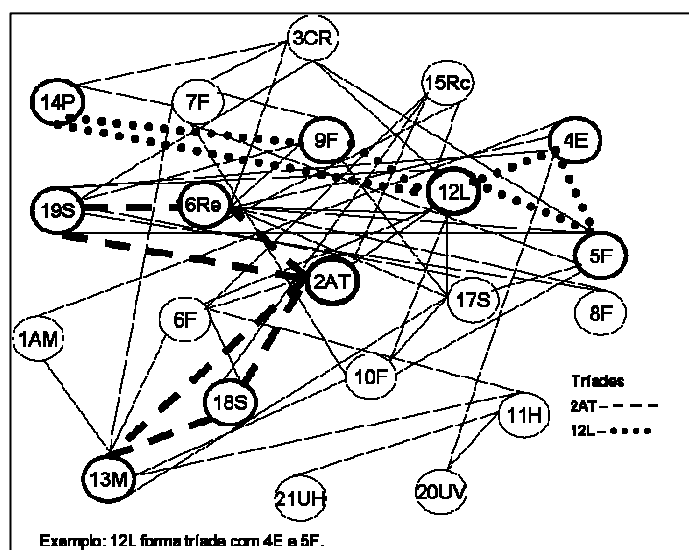


Figura 4 - Tríades de Atores em Comunicação Freqüente.

A figura 5 mostra atores que se conectam indiretamente a outros atores, que participam de tríades, otimizando, portanto, seus relacionamentos.

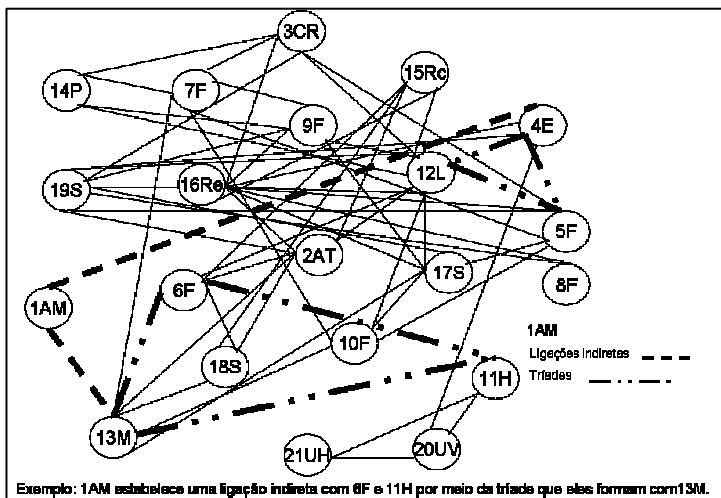


Figura 5 - Atores que se Conectam Indiretamente a Triádes.

Podemos classificar as ligações entre atores, em uma triáde, em comunicação freqüente, como ligações ou laços fortes e as ligações entre triádes distintas de “ponte”, segundo a teoria de Granovetter (GRANOVETTER apud MARTELETO, 2004). A ligação “ponte” é mais fraca que as ligações entre atores das triádes, e pode ampliar os limites da rede, conectando grupos que não tem ligações diretas entre si.

A figura 6 mostra a conexão de atores de triádes distintas (ligação “ponte”).

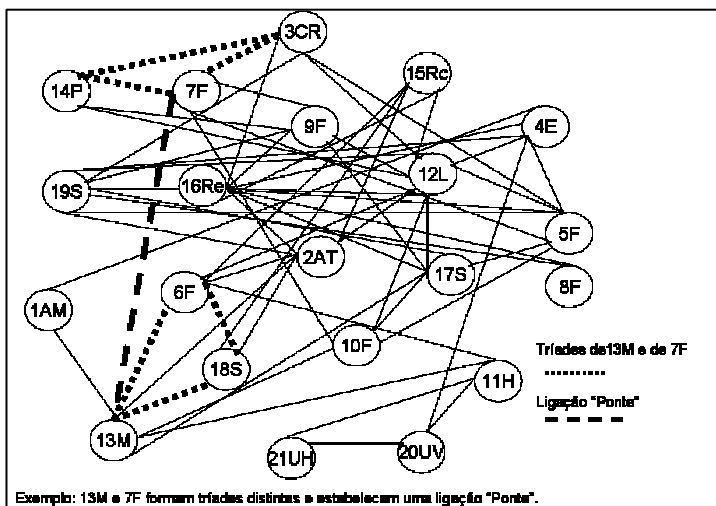


Figura 6 - Atores que Conectam a Triádes Distintas (Ligação “Ponte”).

Sub-rede de Fluxos de Informação/Conhecimento

Em relação à sub-rede de fluxo de informação/conhecimento, as respostas ao questionário foram separadas em domínios (14 domínios, ver figura 2), pertinentes

aos papéis que cada ator desempenha na rede, segundo atribuições dos seus parceiros, e estes dados são apresentados na tabela 3.

DOMÍNIOS	PAPEIS DOS INTEGRANTES DO CIRCUITO
Agricultura	0F (Conhecedor - Fajão, Palmto, etc...)
Agronegócio e Área Rural	2F (Conhecedor- Presidente do Sindicato Rural); 16S (Conhecedor - Área Rural)
Artesanato	15Rc (Artesão)
Comércio	12L (2 Lanchonetes na Rodovia BR-101); 13M (Supermercado e ramo de Construção Civil); 16Re (Restaurante na Rodovia BR-101); 19S (Sítio de 18Re no Restaurante)
Criação de Animais Diversos:	3CR (Pás); 5F (Cavalos); 7F (Cavalos); 16Re (Camarão da Malásia); 16S (Cavalos); 19S (Aves e Animais exóticos, Mini bola)
Cultura	2AT (Turismo Rural - Novo Secretário de Turismo de Silva Jardim); 4E (Cultura Local); 5F (Turismo Rural); 6F (Folclore, Música, Floricultura, Turismo Rural); 7F (Turismo Rural); 8F (Turismo Rural); 8F (Agroturismo, Turismo de Aventura, Ecoturismo, Turismo Rural); 10F (Ecoturismo); 12L (Legislação de Turismo Rural - Presidente do Conselho de Turismo); 14P (Conhecimento do Setor Turístico de Silva Jardim, Turismo Rural); 16Re (Turismo Rural); 16Re (Turismo Rural); 17S (Ecoturismo, Projetos Turísticos); 19S (Turismo Rural - Presidente do CIRCUITO)
Divulgação	2AT (Turismo Rural, CIRCUITO); 16Re (CIRCUITO, Comércio na BR-101); 12L (Turismo Rural, Comércio na Br-101); 17S (RPPN); 19S (Turismo Rural); 20UV (Relações Públicas da Universidade)
Educação	1AM (História local, Professor de Escola Fundamental); 2AT (Ambiental - Fazenda); 3CR (Pedagogo, Partilha do Programa de Desenvolvimento Local do Município); 4E (Ambiental - Escola, Professor de História); 6F (Ambiental - Fazenda, Artes Plásticas, Pedagogia); 8F (Sobrevivência na Selva); 14P ("Design", Imprensa, "Marketing"); 16Re (Biólogo, Aquicultura); 20UV (Professor de Veterinária); 21UH (Coordenador Administrativo e Desenvolvimento de Recursos Humanos)
Esportes ecológicos	2AT (Caminhada na natureza); 7F (Cavalgada); 8F (Novo Integrante, Implementando Estrutura para Caminhada); 6F (Caminhada, Esportes Radicais); 16Re (Cavalgada, Pesca); 16Re (Caminhada, Trilha); 19S (Cavalgada); 19S (Caminhada)
Eventos	2AT (Organizador); 16Re (Churrasco Saúcho); 16S (Organizador); 19S (Organizador)
Hospedagem	14P (Pousada); 14M (Hotel Fazenda)
Pecuária	0F (Conhecedor); 7F (Conhecedor)
Preservação Ambiental	0F (Proprietário de RPPN); 16F (Proprietário de RPPN - Projeto de Preservação da Mata Atlântica e Recuperação de Nascente); 17S (Proprietário de 2 RPPNs - Assessor do Presidente da Associação do Patrimônio Natural)
Produção	3Rc (Produtos de Pás); 0F (Produtos de Palmto); 12L (Fabricação Artesanal de Lingüça, Pão com Lingüça - foi o primeiro da região); 15Rc (Casinhas, Construção de Roda d'água, etc...); 16Re (Produtos de Camarão da Malásia); 17S (Cachaça e Mel); 19S (Leite Ovos)

RPPNs - Reserva Particular do Patrimônio Natural

Tabela 3 – Papéis Atribuídos aos Integrantes do CIRCUITO.

Sub-rede de Cooperações Efetivas, de Ofertas e Demandas de Cooperações

Analisando as cooperações dos atores (figura 2) encontramos um maior número de demanda do que de oferta de cooperações. Os integrantes do CIRCUITO estabelecem poucas cooperações efetivas e em pares. Dos 16 domínios de cooperações, o único domínio de cooperação efetuado por mais de 2 pessoas é o de “Caminhadas” em que os atores 2AT (Associação de Turismo Rural), 16Re (Restaurante) e 19S (Sítio) estão cooperando. A figura 7 mostra a sub-rede de cooperação efetiva dos atores do CIRCUITO. A Tabela 4 mostra as ofertas e demandas dos atores no domínio de “Turismo”.

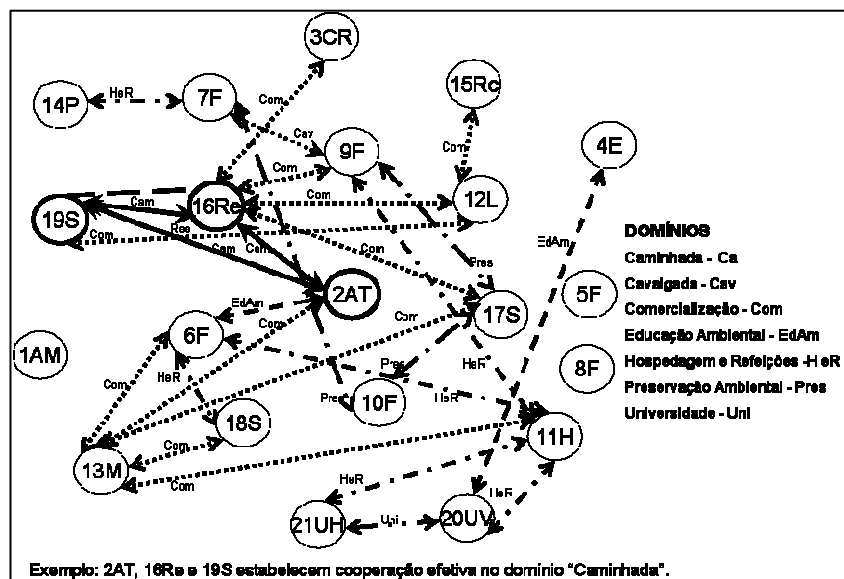


Figura 7 – Sub-rede de Cooperações Efetivas dos Atores do CIRCUITO.

DOMÍNIO	OFERTA E DEMANDAS DE COOPERAÇÕES
Turismo	Para Hospedades – 9F → 14P.
	Conhecimentos – 6F ← 12L; 8F ← 2AT; 9F ← 2AT.
	Fazenda de Portas Abertas – 8F ← 5F.
	Projeto – 9F ← 2AT; 9F ← 5F; 9F ← 6F; 9F ← 7F; 9F ← 8F; 9F ← 10F; 10F ← 6F.

→ Oferta de Cooperação; ← Demanda de Cooperação

Tabela 4 – Oferta e Demandas de Cooperções dos Atores do CIRCUITO.

Padrões de Relacionamentos dos atores do CIRCUITO

A observação da dinâmica da rede (figuras 2,3,4, 5, 6 e 7 e tabela 3) proporcionou fazer inferências sobre algumas características, ou seja, padrões de relacionamentos existentes na rede do CIRCUITO.

Os padrões de relacionamentos que foram caracterizados neste trabalho, apresentados na figura 2 são:

- **Os Conectores Centrais** 12L(Lanchonete), 16Re(Restaurante) e 19S(Sítio): Pessoas que conhecem e são conhecidos por muitas pessoas, detêm informações/conhecimentos diversos e conectam as pessoas à rede, por saberem quem faz o quê, e quem sabe o quê.
- **Os Ampliadores de Fronteira** 6F(Fazenda) e 4E(Escola Fundamental): Atuar como Veículo para a troca de informações/conhecimentos entre os atores.
- **O Agenciador de Informação** 2AT(Associação de Turismo Rural): Promover a disseminação das informações e conhecimentos na rede, e o conseqüente aumento de conectividade na rede de atores do CIRCUITO.

- **A Pessoa Periférica** 8F(Fazenda): Novo integrante ainda isolado na rede de atores do CIRCUITO.

CONCLUSÕES

A aplicação da metodologia de análise de redes sociais (ARS) configurada neste trabalho, aliada à leitura qualitativa e visual dos dados e redes obtidos, possibilitou obter uma visão abrangente da rede de atores do CIRCUITO, do papel de cada integrante, do domínio de informações e conhecimentos que são ou podem ser compartilhados na construção de cooperações que dinamizem a rede.

Emergiu da análise de que os integrantes desta rede têm a percepção que a atividade turística se constitui em uma atividade associativa por excelência, não sendo possível seu desenvolvimento de forma individual ou fragmentada.

Reconhecem ainda a existência de fraquezas e ameaças, sistematizadas na análise SWOT, que têm efeito paralisante e podem fragmentar a rede e impedir a sua plena atuação e expansão.

A figura 8 ilustra a diferenciação entre organizações e redes sociais frente às cooperações tradicionais e conexões (ALMEIDA, 2007).



Figura 8: Diferenciação entre Organizações e Redes Sociais.

A tabela 5 apresenta exemplos das várias sugestões de ações e movimentos estratégicos que emergiram da leitura e análise da dinâmica da rede e dos padrões de relacionamentos (figura 2), a partir das respostas à configuração metodológica empregada neste trabalho.

Atores Envolvidos nas Ações Estratégicas (Análise das Redes)	Ações e Movimentos estratégicos para a Rede do CIRCUITO
Lideranças : 2AT, 6F, 19S, 12L Cooperações : 5F, 14P, 21UH, 1AM, 20UV, 3CR	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o associativismo e cooperativismo (encontros, fóruns, cursos, etc...). - Expandir a visão empreendedora e a capacidade de liderança. - Mediar ações junto ao poder público para promoção de política e apoio financeiro ao turismo eco-rural. - Estruturação de projetos de infra-estrutura básica e turística.
Lideranças : 19S, 16Re, 2AT, 12L Cooperações : Atores em triadas com as lideranças descritas acima.	<ul style="list-style-type: none"> - Calendário anual de reuniões dos associados, em espaços diversos, proporcionando a convivência com todos os equipamentos e serviços disponibilizados no CIRCUITO. - Criação de materiais de promoção e divulgação (mapas, folhens, postais, banners, página na Web, CD-ROM, etc...). - Parceria com outros circuitos e criação de uma rede regional, e futuramente nacional, de turismo rural. - Busca de apoio para desenvolver calendário anual de eventos, implementar serviços de receptivos e de guias turísticos. - Elaborar Plano de negócio do CIRCUITO e negociar, junto às instituições, apoio logístico e financeiro para o CIRCUITO.

Tabela 5: Exemplos de Ações e Movimentos Estratégicos para a Rede dos Atores do CIRCUITO.

Por meio desta configuração metodológica foi possível explicitar como os atores do CIRCUITO podem potencializar a construção coletiva do conhecimento, e do processo estratégico da rede. Isto foi feito por meio dos graus de comunicação, dos fluxos de informação e conhecimento, e das cooperações efetivadas, oferecidas e demandadas.

Este trabalho mostrou que a Análise de Redes Sociais, como uma ferramenta potencial e estratégica para o desenvolvimento regional, possibilita:

- Obter uma visão ampla da dinâmica dos relacionamentos e domínios de informação, conhecimento e cooperação que nutrem o capital social regional.
- Revelar os papéis e padrões de relacionamentos dos atores que participam da rede estudada, e que por meio do associativismo são responsáveis pelas mobilizações endógenas, pelo dinamismo da rede e pela busca da inovação voltada para a melhoria da renda e das condições de vida da população.
- Formular ações estratégicas, moldadas a partir das identidades locais, geradoras de propostas inovadoras e de valorização da reconhecida diversidade regional do país.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M.B.daS., 2006, *Análise "SWOT" do Circuito Eco-Rural Reservas Naturais em Silva Jardim*, Relatório de Trabalho, RJ.
- ALMEIDA, M.B.daS., 2007, *Análise de Redes Sociais em Roteiros Turísticos. O Caso: "Circuito Turístico Eco-Rural em Silva Jardim, RJ"*, Projeto Final, MBKM, CRIE, COPPE/UFRJ, RJ.

- DELUQUI, M. E., 2005a, *Relatório Final das Atividades Realizadas e Programa Desenvolvimento a Partir da Cultura – Circuito Reservas Naturais*, Rio de Janeiro, Arquivo do Fator Brasis, RJ.
- DELUQUI, M. E., 2005b, *Cartilha Popular de Valores Culturais Locais do Circuito Reservas Naturais*. Silva Jardim – Rio de Janeiro, Arquivo do Fator Brasis, RJ.
- D'IPOLITTO, C., 2003, *O Papel da Inovação no Processo da Estratégia: Uma Pesquisa Qualitativa em Empresas Emergentes de Base Tecnológica no Brasil*, Tese de Doutorado, COPPE/UFRJ, RJ.
- D'IPOLITTO, C., 2006, *Reflexões sobre Fluxos de Conhecimento, Cooperação e Valor para uma Análise da Dinâmica de Redes de Aprendizagem*, Notas do Autor, NEICT/UFF, RJ.
- MARTELETO, R. M., 2001, Análise das Redes Sociais: Aplicação nos Estudos de Transferência da Informação, *Ciência da Informação*, v. 30, n. 1, p.71-81.
- MARTELETO, R. M., SILVA, A.B.O., 2004, Redes e Capital Social: O Enfoque da Informação para o Desenvolvimento Local, *Ciência da Informação*, v.33, n.3, p.41-49.
- MINISTÉRIO DO TURISMO, *Programa de Regionalização do Turismo, Esclarecimentos sobre o Plano Nacional de Turismo e o Programa de Regionalização do Turismo*. Disponível em: http://institucional.turismo.gov.br/regionalizacao/pergunta_frequente.asp Acesso em 6 de Outubro de 2006a
- MINISTÉRIO DO TURISMO, *Programa de Regionalização do Turismo, Regiões Turísticas*. Disponível em: http://institucional.turismo.gov.br/regionalizacao/regiao_turistica.asp Acesso em 06 de Outubro de 2006b.
- ROSAN, F., RAMBALDI, D., 2004, *Silva Jardim – Capital Brasileira das RPPNs*. Disponível em www.micoleao.org.br. Acesso em 23 de Outubro de 2006.